

MAFALDA e a Comunicação Dialógica de Moreno e Buber

LIANA GOTTLIEB

Introdução

Cursei o mestrado em Comunicação na Universidade Metodista de São Paulo. Minha dissertação foi sobre a Educação na MAFALDA (de Quino). Montei o dossiê com as 110 tiras e fiz três leituras das mesmas: quadrinhística, educacional e correlata de Buber e Moreno. Por que Buber e Moreno? Os dois falam do verdadeiro encontro, e se preocupam com a Educação, propondo caminhos diferentes do tradicional.

Busquei apontar as características de uma nova escola aberta cósmica através do levantamento e da crítica das características da escola tradicional denunciada na MAFALDA, e através das correlações de Moreno e Buber.

A meu ver, o caminho da transformação da pedagogia é simples: basta observar o comportamento da Mafalda – diálogos verdadeiros, ainda que muitas vezes irônicos e desafiadores; coerência a toda prova; vinculação dos conteúdos programáticos à realidade; respeito para com o outro, até mesmo na hora de pensar na estrutura física de uma sala de aula, e Comunicação plena, em todo momento.

Desenvolvimento

Histórias em Quadrinhos são tiras desenhadas, vivas e em movimento, desencadeadoras do nosso tônus vital, imaginação e fantasia, que carregam a conotação do proibido, o receio dos pais e da escola em relação a sua leitura. Mexem também com a visão, a imaginação e com o sentir, e dão a sensação de movimento, de coisa viva.

A MAFALDA possibilita um diálogo íntimo e afetivo de cada leitor com ela e por não o ameaçar estimula sua espontaneidade e sua criatividade.

A leitura psico-sociodramática da MAFALDA representa a possibilidade de um encontro – o encontro EU-TU proposto por Buber e Moreno. Esta leitura possibilita aos alunos e às pessoas um encontro com a sua história, e deles consigo mesmos; eles têm em seus corpos, e em suas mentes, as marcas de uma escola autoritária. Possibilita também o encontro entre professores e alunos, que juntos poderão criar essa escola nova a que denominei escola *aberta cósmica*, restitui o prazer, o riso, a brincadeira, o lúdico, o humor à vida.

A MAFALDA, como objeto intermediário, abre o mundo da linguagem não-verbal. É um encontro do fluir e do sentir, da cabeça e do corpo, do ser por inteiro. A ação é melhor que a verbalização, pois – a pessoa está inteira ali.

Quando me refiro à leitura psico-sociodramática, estou falando de duas leituras: a teórica e a prática, por meio de jogos dramáticos e de sociodramas.

MAFALDA, a educação e as correlações entre Moreno e Buber

Segundo Fonseca (1), as conclusões teórico-práticas da correlação Buber-Moreno guardam aproximações com as escolas existencialistas. E na Educação elas amparam a “pedagogia da relação”, na qual o procedimento docente implica na interação em duplo sentido entre professor e aluno. Implicam também em partir da convergência maior de ambos, que é o Encontro, o EU-TU.

Para ele (2) a inversão de papéis, referencial técnico e teórico do Psicodrama, aparece em Buber como **experienciação do outro lado**, condição essencial para o **Encontro EU-TU**, e representa a culminância de um processo de desenvolvimento do ser humano.

“Papel” implica em “contrapapel”, ou em “papel complementar”. O vínculo surgirá do verdadeiro Encontro dos papéis complementares, mas quando se tornarem papéis suplementares. Já a inversão de papéis é a possibilidade de comunicação verdadeira e profunda entre duas pessoas. Esta fase é a culminância do processo de desenvolvimento da tele (Moreno) / a distância (Buber).

Na MAFALDA temos “seres em relação”, nascendo e vivendo em sociedade, embora só as crianças procurem estabelecer relações verdadeiras. Tanto a Mafalda quanto seus amigos vivem com suas famílias que estão inseridas na classe média argentina. Cada personagem tem suas atividades bem definidas. A Mafalda chega a trocar/inverter papéis com seus pais, quando se esforça para entendê-los e explicá-los para seu irmãozinho.

Tanto Buber quanto Moreno, apesar de terem sido testemunhas de tantos eventos trágicos no planeta, eram otimistas. Quino é pessimista. A sua preocupação com as injustiças sociais aparece em poucas tiras e sempre como algo externo, distante, além de não serem aventadas possibilidades de resolvê-las. A Mafalda se indigna muito mais (e reage) com acontecimentos políticos em países tão distantes do que com a miséria que ela vê na esquina de sua casa. É como se a Argentina e seus problemas fossem vistos pela televisão. Para Moreno, a principal guerra do homem é contra a máquina, a conserva cultural e o robô, e para Buber, essa guerra está na coisificação do homem e de tudo na natureza, na simples utilização.

Conserva cultural é o armazenamento da cultura de uma sociedade. Após o momento de “criação” (**espontaneidade-criatividade** para Moreno, e **relação dialógica** total para Buber), o produto é “conservado” (passa a ser o ISSO, coisificado, de Buber). Super-valorizar a “conserva” impede que a espontaneidade humana estoure em novas criações.

Para Moreno, o problema está em refazer o homem e o seu meio ambiente. O homem pode lutar usando uma estratégia que escape à traição da conservação e à concorrência do robô. O **momento** é a abertura pela qual o homem passará em seu caminho.

Para Buber, os homens não podem fugir do **aqui e agora** da verdadeira relação, do momento, de toda a fecundidade do momento. As pessoas têm que partir para a ação para construir uma verdadeira comunidade.

Quino denuncia essa coisificação, esse esfriamento do calor da criação que promove a relação parcial; impede a manifestação da espontaneidade e da criatividade; impõe a inversão de valores (um beijo na TV é mais prejudicial do que a violência dos contos de fadas?). Os hinos da pátria – também conservas culturais – que as crianças têm obrigação de cantar, e as músicas de que gostam não podem ser cantadas, e caso as proponham para a professora são punidas. A tentativa de viver o momento por parte das crianças na MAFALDA é frustrada pelas punições, tanto na escola quanto no lar.

Quino desenha, como atores principais da MAFALDA, as crianças. Para Buber, é com a criança que o gênero humano começa e a maior parte do ensino é manipulação ou prepotência. Ele se opunha à tirania pessoal na sala de aula e à tirania do conhecimento impessoal.

Para Moreno, o Psicodrama deve começar com a criança. O processo de aprendizagem da criança vincula-se aos atos que se baseiam em necessidades. O adulto cedo se intromete com conteúdos desvinculados das necessidades das crianças. A criança passa então a aceitar esses conteúdos como superiores e passa a desconfiar da sua própria vida. O indivíduo vive cada vez menos interiormente, cada vez menos cômico do seu eu como um centro ativo, enquanto que mecanismos de todas as espécies, filmes, fonógrafos, livros e todas as culturas herdadas impõem seus padrões e exigências. A escola faz com que as crianças e adolescentes vivam em dois mundos completamente distintos e é responsável por muitos distúrbios emocionais da personalidade em desenvolvimento.

O professor da escola tradicional, tão bem descrito/desenhado por Quino só instrui, não tem **relação de comunhão, EU-TU**, com os alunos e não visa prepará-los para viver em comunidades verdadeiras, além de nem ele ser espontâneo nem permitir que seus alunos o seja.

Quino aponta essas deturpações na Educação, com a Mafalda e seus amigos, mas os desenha reagindo ao que lhes é imposto.

Tanto Moreno quanto Buber tinham propostas concretas para transformar a Educação. Ambos veem a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade como recursos inatos do homem.

Para Moreno é possível conjugar espontaneidade com aprendizagem disciplinada através da abordagem psicodramática, e ele propôs a **educação pela ação e para a ação**. O currículo deve ser sugerido e ter total relação com a vida real. O corpo, as emoções e o intelecto são avaliados e analisados.

Para Buber, a espontaneidade é o fator preponderante na Educação, a verdadeira pessoa educa através de sua existência. A família autêntica educa através da sua existência. Ele propunha aos **educadores que promovessem o encontro direto com o aluno concreto**, real; oferecessem a sua confiança, comunhão e simpatia aos alunos, e relacionassem a liberdade ao compromisso para com o outro. Em vez de sujeitar o aluno à matéria, deve-se sujeitar a matéria ao aluno, e que ocorram: um vínculo entre professores e alunos; a interação entre as classes etárias; a real interação entre os sexos, e a relação da escola com o lar.

Quino faz acontecerem duas dessas propostas: a interação entre as classes etárias e a real interação entre os sexos, mas só entre as crianças.

Quino é cartunista. Retrata a sua forma de observar a realidade, usando uma arte que se apoia no humorismo. Ele crê no ser humano, principalmente das crianças, e a cada nova geração desenhada, mais firme nessa crença ele se mostra. Basta ver a diferença entre

Filipe (um ano mais velho que a Mafalda), a Mafalda (e seus amigos da mesma idade), Miguelito (um ano mais novo que a Mafalda), Liberdade (dois anos mais nova que a Mafalda) e Gui (seu irmãozinho). Os mais novos são menos passivos, mais firmes, não se deixam influenciar e reagem com mais espontaneidade aos adultos.

Em várias tiras Quino mostra o desejo que a criança tem de estabelecer um diálogo real com a professora. Em outras, como a criança distingue o que é relevante do que não é, e a necessidade de coerência entre o que é ensinado na escola e a vida real.

A leitura crítica – que detecta a ideologia do autor – é um passo importante na relação com um meio de comunicação, mas deve ser o segundo passo. O primeiro deve ser amar o produto desse meio de comunicação, mas é preciso ir além. O que fazer de construtivo e criativo com esse produto?

A proposta psicodramática é uma possibilidade, tanto a teórica quanto a prática, e existe todo um campo a ser explorado, na área de Educomunicação.

Considerações finais

Segundo Brito (3) O humorismo... pode ser ao mesmo tempo liberto e libertador, e para ele o humorista dissimula seus objetivos.

Para ele, o humorista realça as contradições humanas e, através da candura da malícia, da observação rara, do cinismo levado à lucidez, do raciocínio “impresentido” e de outros recursos e até subterfúgios, revela as incongruências ou a tragicidade da vida. Usa truques: apresenta o cômico gravemente e o absurdo com respeito; assume ar sisudo para tratar de coisas jocosas e jocosamente considera as coisas sérias; o fútil passa a grave e o grave a sem importância. Aceita as coisas e os homens tais como são e lhes exhibe, tranquilamente, o ridículo, o ressentimento, a frustração e a incoerência de seus atos. Ou então interpreta tudo de um ângulo pessoal e promove a falência do pensamento lógico, compromete as regras de conduta convencionais e derruba valores éticos preestabelecidos.

Segundo Magalhães (4), entre as HQ e as histórias que a escola legitima, estabelece-se uma oposição processada não somente pela instituição, mas pela própria criança. A diferença consiste em que a primeira apoia a distinção na dicotomia adequado/não adequado, enquanto a disjunção dos pequenos leitores é outra: imposto/não imposto. Este fator, por sua vez, não se desvincula de outro aspecto: trata-se de uma produção voltada ao entretenimento, geralmente eivada de humor, e a escola parece considerar tais elementos, assim como qualquer forma de descontração, incompatíveis com a sua seriedade.

As HQ, em geral, não dão muitas informações, mas permitem ao leitor preencher as lacunas, os silêncios das personagens com a sua própria percepção e imaginação; criar em cima das tiras. Além disso, elas permitem a construção de um novo conhecimento a respeito de vários fenômenos.

MAFALDA é um produto da Indústria Cultural, e se diferencia de outras HQ, pois Quino desenhou sozinho todas as tiras da MAFALDA, que têm uma sequência histórica, não são atemporais. A Mafalda surge com cinco anos e cresce até os nove, está se preparando para começar a escola no ano seguinte, vai conhecendo a sua turma com o passar do tempo, nasce seu irmão Gui, aprende a ler e escrever e tenta relacionar o que aprende na escola com a vida real.

Quino é um autor de gênio, que soube administrar as limitações tanto políticas quanto de ser a MAFALDA um produto da Indústria Cultural, e conseguiu mudar o modo de sentir e de ser de seus leitores desenvolvendo dentro do sistema uma função tanto lúdica quanto crítica e liberatória.

Suas personagens vivenciam medo, angústia, depressão, entorpecimento, estupefação, raiva, alegria, tristeza, candura, amor, exaltação, amizade, desconfiança, revolta, impotência, indignação, sofrimento, etc.

Por meio de ângulos e enquadramentos/planos ele estimula a projeção, a identificação e o interesse por sua mensagem. Aborda questões como o preconceito contra as HQ; o medo à liberdade, de que foge o homem contemporâneo, o consumista; a questão feminina; o duplo jogo que se faz nas famílias. Embora não apresente soluções práticas (a não ser em nível de sonhos e fantasias), trabalha com o presente, com o momento.

Quino aponta para caminhos que podem transformar a Educação e as relações familiares. Ao desenhar a Mafalda em solilóquios, leva o leitor a questionar e contestar o mundo. Além disso, é só seguir o que as crianças propõem: diálogos, coerência; vincular os conteúdos com o real, que esses conteúdos não sejam mentirosos; a possibilidade de serem espontâneas; acabar com a ditadura do “poder das notas”, com a humilhação, com a falta de respeito, etc. – que surgirá a nova escola.

Mafalda é uma filósofa-atriz crítica (e não só filósofa-espectadora) de tudo no planeta, e pode servir também como estímulo de mediação para transformações pacíficas.

Notas Bibliográficas

(1) FONSECA FILHO, José S. **Psicodrama da Loucura** – Correlações entre Buber e Moreno. 3.ed. São Paulo: Ágora, 1980, p. 75.

(2) Idem, p. 76.

(3) BRITO, Mário da S., in: Prefácio, **Maravilhas do Conto Humorístico**. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1961, pp. 12-13.

(4) MAGALHÃES, Lígia C. Em defesa dos Quadrinhos, in: ZILBERMAN, Regina (org.) **A Produção Cultural para a Criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, pp.82-83.

A AUTORA

LIANA GOTTLIEB - Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, Mestre em Teoria e Ensino da Comunicação pela UMESP, Especialista em Didática do Ensino Superior, Pedagogia, Psicodramatista, Didata e Supervisora de Psicodrama pela FEBRAP, Editora, Escritora, Desenhista, Consultora Organizacional e Educacional, Membro Fundador e do Conselho do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, membro da Associação Janusz Korczak do Brasil, Lecionou na Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero por 21 anos (de 1993 a 2014), Coautora dos livros “Diálogos sobre Educação...e se Platão voltasse?” (Iglu, 1989), “O Professor Universitário: Herói ou Vilão?” (Cedas, 1994) e “As aventuras de Lana e Drago, o dragão-voador” (Iglu, 2005), Co-coordenação e Organização do livro “Comunicação e Plano Decenal de Educação: rumo ao ano 2003 – Anais do Simpósio Brasileiro de Comunicação e Educação – UCBC, CCA-ECA/USP, DEMEC-SP, FISC – dez/1994” (Faculdades Claretianas, 1996), Autora do livro “Mafalda vai à Escola” (Iglu e NCE - ECA/USP, 1996), Coordenadora e coautora do livro “Comunicação e Mercado. Mestrado na Cásper: Orientação e Resultado” (Iglu, 2004), Organizadora e coautora dos livros “Comunicação Social. Pós-Graduação lato sensu na Cásper Líbero” (Iglu, 2007) e, “Cenários Comunicativos. A Pesquisa na Pós-Graduação da Cásper Líbero” (Iglu, 2009), Coautora do audiolivro “Diálogos sobre Educação...e se Platão voltasse?” (Universidade Falada, 2010), Organizadora e coautora do livro “Interfaces da Comunicação, Cultura e Educação. Um panorama para (re)pensar a atualidade” (Iglu, 2011), Organizadora e coautora dos Volumes 1, 2, 3, 4 e 5 da Coleção Comunicação em Cena. (Scortecci Editora, 2012, 2013 e 2014), Coorganizadora e coautora do livro “Psicodrama. Apontamentos e criação” (Filoczar, 2016).

Contatos: liana.gottlieb@uol.com.br - Facebook Liana Gottlieb.